

Memória, trauma e sofrimento: um olhar psicanalítico sobre a tela "Hospital Henry Ford", de Frida Kahlo

Renata da Silva Raiol
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: reraiol@yahoo.com

Caroline Vasconcelos Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: caroline.ribeiro@uesb.edu.br

1581

Palavras-chave: Frida Kahlo. Psicanálise. Trauma. Ressignificação

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer uma aproximação entre a arte e a psicanálise e investigar de que maneira a recordação e a repetição possibilitam a capacidade de ressignificação de memórias dolorosas e traumáticas. Para isso, analisaremos a tela “Hospital Henry Ford”, de Frida Kahlo, que retrata um dos maiores sofrimentos da vida da pintora mexicana, a saber: o aborto involuntário e o fracasso da maternidade. (Nogueira; Mello Neto, 2016). Este trabalho busca fazer um recorte de um período doloroso da vida de Frida, articulando a capacidade humana de recordar, repetir e ressignificar a dor com o processo criativo. Importante ressaltar que não se trata de uma análise estética sobre a tela, mas de uma abordagem de questões vinculadas a traumas vividos pela pintora, portanto, a pesquisa propõe um olhar psicanalítico acerca da obra citada e de aspectos da biografia de Kahlo.

Interessa-nos investigar de que maneira o processo criativo foi essencial para a ressignificação de experiências traumáticas na vida de Frida Kahlo, especificamente a perda de uma festejada gravidez (Herrera, 2011). Uma vez que o sofrimento e o trauma são constitutivos da história da pintora mexicana – com um histórico de poliomielite na infância que lhe deixou sequelas, de um acidente que quase lhe custou a vida e lhe impediu de gerar filhos e de um relacionamento conturbado – objetivamos nos perguntar como é possível o entrelaçamento entre o processo criativo e a capacidade de (re)elaborar

Realização:



Apoio:



memórias traumáticas. No caso específico, a memória resultante da incapacidade de sustentar uma gestação em função de fraturas na pélvis na ocasião do acidente. Sendo assim, investigaremos em que medida a obra “Hospital Henry Ford” carrega uma memória traumática e a ressignifica. No intuito de responder essas questões tomaremos como foco de análise, os conceitos freudianos de memória, trauma e repetição. (Freud, 1914/1976; 1899/1986). Considerando a relevância desses conceitos, faremos uma explanação teórica acerca da repetição como possibilidade criação e elaboração tendo como referência a maneira como Frida Kahlo confere carnalidade pictórica a um período de muito sofrimento em sua vida. (Herrera, 2011; Kahlo, 2012). O trabalho se justifica porque propõe um diálogo entre a arte e a psicanálise em torno do tema do trauma e da memória, contribuindo de forma interdisciplinar para pensarmos como a expressão artística pode estar à serviço da ressignificação de dores e sofrimentos.

METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, que abrange uma revisão bibliográfica e pesquisa teórica em uma perspectiva psicanalítica freudiana, bem como o exercício de análise de um fragmento da vida da pintora mexicana Frida Kahlo retratado na tela “Hospital Henry Ford”, pintada em 1932. Para tanto, nos calcamos na obra de Freud e na biografia de Kahlo, muito bem retratada por Hayden Herrera (2011). Além disso, nos servimos de textos de estudiosos da obra e vida de Kahlo a partir da psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na biografia sobre a pintora Frida Kahlo, Hayden Herrera descreve os dias que antecederam a criação de uma de suas telas de grande relevância, “Hospital Henry Ford”:

Ela passava os dias sangrando e chorando. Tomada por ataques de desespero e por pensamentos como o de que talvez jamais pudesse ter filhos, de não saber o que havia de errado com ela, e por que motivo seu feto não se desenvolvesse, mas tinha se desintegrado em seu útero, ela gritava: “Eu quero morrer! Não sei por que continuar vivendo desse jeito”. (HERRERA, 2011, p.178)

Realização:



Apoio:



Dias depois do aborto, Frida pega um lápis e desenha um autorretrato, “e mesmo em meio ao sofrimento ela conseguiu encontrar lugar para a alegria”. (HERRERA, 2011, p.178). É possível notar tal resiliência em um trecho de uma carta enviada a seu médico e amigo, Dr. Eloesser: “Não há nada a fazer a não ser aguentar. [...]. No fim das contas há milhares de coisas que são sempre um completo mistério. Em todo caso tenho uma sorte de gato, pois não morro tão fácil, e isso é sempre uma coisa e tanto.” (KAHLO, In: HERRERA, 2011, p.180).

Na tela “Hospital Henry Ford”, Frida está deitada em seu leito com um sangramento, que sugere uma hemorragia, no lençol branco. “A fita que prende o feto a Frida leva a seu umbigo e obviamente representa o cordão umbilical do bebê.” (HERRERA, 2011, p.181). A biógrafa destaca que “todos esses símbolos flutuantes do fracasso materno, incluindo o feto, estão na mesma escala em relação a Frida, a despeito de seu tamanho efetivo”. (HERRERA, 2011, p.181). Convém indicar, ancorados em Herrera (2011) e em Bloss e Marsillac (2018), que muitas obras de Kahlo trazem o seu corpo feminino como o centro temático e há sempre uma história de dor e trauma sendo contada. Na obra podemos observar o drama da concepção, o lento processo do aborto e as dificuldades de seu corpo decorrentes das numerosas intervenções cirúrgicas que a pintora se submeteu para corrigir problemas na coluna resultantes do acidente. Sua pélvis foi esmagada na ocasião e, em função disso, Frida viveu abortos involuntários. Herrera propõe concebermos “a pintura como um antídoto para o fracasso materno, que, para Frida, fazer arte deve ocupar o lugar de fazer filhos”. (HERRERA, 2011, p.184).

Na tela, vemos um corpo solitário na cama hospitalar entornado por uma pélvis fraturada, um feto, uma orquídea, uma máquina, a anatomia do aparelho reprodutor feminino e um caracol, que traz consigo a atmosfera da lentidão temporal típica de um contexto como este. Em nosso exercício de leitura freudiana desta tela e do contexto que ela evoca, fomos obrigados a pensar sobre a maneira como a memória dolorosa e traumática se inscreve na arte de Kahlo. Ao longo da obra freudiana, a memória sempre ocupou lugar de relevo na formulação sobre o psiquismo. Logo no início, o autor trabalhou com os fundamentos do ato de ‘esquecer e lembrar’ a partir de fatores psíquicos específicos que estariam ligados a sintomas de conversão de pacientes histéricos (Freud; Breuer, 1893/1987). A partir da análise sobre o trauma que subjazia aos sintomas, a

Realização:



Apoio:



pesquisa freudiana avançou em direção à articulação entre repressão, resistência e rememoração. (Freud, 1914/1976). Freud descreveu o resultado de um confronto do ego com uma experiência dolorosa e o conceito de repressão passou a ser visto como o responsável por expulsar da consciência os afetos ligados às lembranças dolorosas.

O pai da psicanálise entendeu que, através das lutas internas contra memórias traumáticas, o sujeito pode alcançar um percurso de ressignificações, reelaborações e produções de saberes de si próprio. Mas, se não encontra uma via de escoamento do traumático através da palavra, o sujeito é compelido a atuar a memória em repetição de ações que ele sequer entende que estão à serviço do passado. Nestes casos, “podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o.” (FREUD, 1914/1969, p.196).

Ao reproduzir-se em autorretratos, ao pintar suas dolorosas experiências hospitalares e de convalescença, Frida estaria repetindo sem elaboração? Em outros termos, estaria em atuação, sem rememoração? Entendemos que não. Isso porque o seu passado não é meramente repetido sem apropriação. Ao pintar-se, Kahlo encara sua história de frente e reinscreve o que se passou em um registro próprio. Compreendemos que ela pinta a reelaboração de seus traumas e experiências dolorosas, tal como fez na tela “Hospital Henry Ford”.

Apesar de Freud (1914/1969) entender, no texto *Recordar, repetir e elaborar*, que a repetição é um recordar em ato, é uma atualização do passado que não permite uma ressignificação do mesmo, compreendemos que a repetição do conteúdo traumático em telas de Frida caminha para outra direção, para a direção da rememoração. A experiência de dor e angústia de Frida ao sofrer o segundo aborto de sua vida é retratada no desamparo da cama do hospital Henry Ford. A elaboração da cena vivida é experimentada em ato através da pintura e é ressignificada.

CONCLUSÕES

A originalidade do conceito de memória e trauma em Freud nos permite pensar a capacidade humana de se reinventar diante do trágico e do inesperado, a capacidade de

Realização:



Apoio:



se reconstruir e se ressignificar. A pintora Frida Kahlo fez uma reconstrução de si a partir de suas pinturas, ressignificou seus traumas, os elaborou e deu contorno a eles. Fez isso de maneira própria, inovando na arte e nos legando um arsenal de telas em que a dor, o trauma e o sofrimento, ao invés de serem escondidos e amenizados, ganham cores fortes e expressões em primeiro plano. Sem dúvida, as marcas de seu corpo marcam a história da arte. Concluimos, entendendo que Frida Kahlo, na tela analisada, ao retratar a desolação do aborto involuntário, torna a ação de repetir o traumático através das tintas como uma forma resiliente de recordação em ato, mas não um ato sintomático que passa longe de uma elaboração, mas um ato criativo que ressignifica. Esse ato não sintomático, mas criativo, é via possível de saída para a mera repetição, é uma via possível de elaboração rememorante. Concluimos a pesquisa cientes de que Freud nos abriu um frutífero caminho para pensar o trauma, a dor e a memória e Frida Kahlo deu contornos coloridos a isso ao retratar-se em suas pinturas.

REFERÊNCIAS

BLOSS, G. M; MARSILLAC, A. L. M. O diário de Frida Kahlo em questão: corpo e trauma. **Cadernos de psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 39, p. 29-49, dez. 2018.

FREUD, S. BREUER, J. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. 2. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1987.

FREUD, Sigmund (1914). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Vol.12.Rio de janeiro. Ed. Imago, 1976.

_____. (1899) Lembranças encobridoras. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Vol.3.Rio de janeiro. Ed. Imago, 1986.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia**. São Paulo: Globo, 2011.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo**. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2012.

NOGUEIRA, Eduardo Bernardes; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos de. Frida Kahlo: considerações sobre o trauma e a reinvenção do corpo. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 34-45, ago. 2016.

Realização:



Apoio:

